

CASA

CLAUDIA

LUXO

DECORAÇÃO DESIGN ARTE ARQUITETURA

CAPA

FRANCISCO CÁLIO
CRIA UM PROJETO PERFEITO
PARA MORAR E TRABALHAR
NO MESMO ENDEREÇO

SALVADOR

NA BAÍA DE TODOS-OS-
SANTOS, DAVID BASTOS
DECORA O APARTAMENTO
COM VISTA PARA O MAR

RIO DE JANEIRO

OS NOVOS
MUSEUS DA CIDADE

MARCIA MÜLLER ASSINA
O APARTAMENTO QUE
MISTURA MÓVEIS DE
GARAGEM COM PICASSO

SÃO PAULO

LAZER E ARTE NA NOVA
CASA DE DADO
CASTELLO BRANCO

ELEGÂNCIA E
PERSONALIDADE NA VISÃO
DA ARQUITETA BIA PRADO

ARTE

MARIA TOMASELLI E A
PAIXÃO PELA GRAVURA

AS ATRAÇÕES
DA BIENAL SEGUNDO
AGNALDO FARIAS

DESIGN

O TRAÇO ESCANDINAVO
INFLUENCIA O
MÓVEL MAIS ATUAL

CASA.COM.BR



R\$ 28,00 ED. 589



7 893614 072654

DESTAQUE
ESTE FLIP
E SUA REVISTA
SE TRANSFORMA
EM UM LIVRO
DE MESA

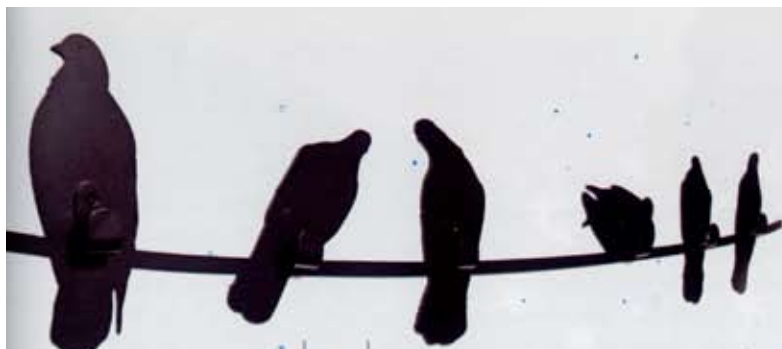




profissão designer

Genial na arte de transformar as formas simples e banais do mundo real em objetos de consumo, Harry Allen assina uma produção que não para de render frutos.

| reportagem cristina bava



Larry Allen despontou na cena do design americano na década de 90. Desde então, não parou mais de criar e surpreender com seu trabalho único que alia alta tecnologia com formas encontradas na natureza. Dessa mescla surgem móveis, objetos, luminárias e embalagens curiosas e atraentes, como prova sua seleta lista de clientes. Nela figuram marcas como Ikea, Moss, Habitat, Maggis e Dune. De Nova York, às vésperas de sua vinda para o BOOM-SP DESIGN, em São Paulo, ele concedeu a seguinte entrevista exclusiva a CASA CLAUDIA LUXO.

Como você define o estilo do seu trabalho?

Sou um realista. Amo o mundo ao meu redor e tento desenhar todas as formas que encontro da maneira mais fiel possível. Procuo capturar a beleza dos materiais com desenho, e se for necessário tiro moldes precisos dos objetos e até de animais empalhados.

Qual é a sua formação e como entrou no mundo do design?

Acho que já nasci designer. Herdei o talento da minha mãe, que é artista, e do meu pai, que foi engenheiro. Um bom designer precisa ser artista e engenheiro ao mesmo tempo. Meu primeiro diploma foi em ciências políticas na Alfred University, no estado de Nova York. Lá aprendi a pensar e a escrever. Ao terminar o curso, percebi que estava faltando algo. Mudei para a cidade de Nova York para fazer o mestrado em desenho industrial no Pratt Institute. Desde então passei a respirar design.

Dentre tantos projetos, quais os mais marcantes na sua carreira?

Em 1994, meu primeiro projeto de interiores foi a loja da Moss, que, para minha sorte, se transformou em uma das lojas de design mais importantes do mundo. O proprietário, Murray Moss, é um gênio e eu aprendi muito com ele. Depois disso, desenhei algumas luminárias, feitas com espuma de cerâmica, que foram adquiridas pelo MoMa, de Nova York. Esses dois trabalhos alavancaram minha carreira. Mais



recentemente, tenho percebido como meu maior sucesso o banco *Pig*. E o showroom da Corian também foi recebido com grande entusiasmo.

Criar é algo fácil para você? De onde vem a inspiração?

Sou um criador compulsivo. Tenho cerca de mil ideias para cada projeto realizado e elas vêm facilmente. Além disso, procuro sempre ter novas experiências. Amo dança moderna, arte contemporânea e olho muito para a produção de design. Também viajo bastante, tenho prazer em conhecer diferentes culturas. De vez em quando gosto de me perder aqui mesmo em Nova York. Isso é fundamental para manter minha cabeça sempre ativa e inspirada. Depois do insight, vem o trabalho intenso para torná-lo realidade. Esse processo, para mim, também é fonte de inspiração.

Há um arquiteto ou um designer que influenciou sua produção?

Sou um grande admirador da arte e particularmente da obra do artista americano Donald Judd [1928-1994]. Seus trabalhos são uma referência. Em meus projetos, destilo a forma para chegar aos elementos mais básicos. Você pode notar isso nas minhas peças de mobiliário e de interiores. Na série *Reality* há uma simplicidade na concepção e na falta de ornamentação que pode ser relacionada com o meu amor pela arte minimalista.

O sucesso da linha *Reality* vem da relação ambígua entre forma e função. O gancho *C'Mere Hand Hook*, o porta-incenso *Om Hand Hook* e o porta-objetos *Offer Hand Hook* podem ser usados como esculturas divertidas sem nenhuma função. No Brasil, são vendidos pela A Lot Of.

Para ser um bom designer é importante...

Focar no aqui e agora, no que estamos fazendo naquele instante. Esqueça o passado e não se preocupe com o futuro, simplesmente faça seu trabalho o melhor possível. Ao mesmo tempo, é preciso relaxar: se trabalhamos demais uma ideia, podemos passar do ponto e perder o espírito da coisa. Existe um equilíbrio delicado entre a inspiração e a prática, entre criatividade e business.

Quais das suas criações receberam elogios da crítica especializada?

Minha primeira coleção de móveis: *Living Systems*. Desenhei peças modulares em que nada era fixo. Você podia encaixar uma nova parte e mudar a configuração da mesa, por exemplo. Foi bastante inovador nos anos 90. Investi todo o meu dinheiro nessa proposta e deu certo.

Você é um pesquisador de novas tecnologias. Pode falar sobre seu mais recente projeto, a luminária *Firefly*?

Gosto muito de descobrir possibilidades de criação para o design. Muitas vezes é no processo que você descobre algo genial. A luminária *Firefly* [vaga-lume] foi desenvolvida em meu estúdio por meio da impressão em 3D, que

permite a confecção de protótipos com alta precisão. Conseguimos um modelo perfeito de um vaga-lume emitindo luz. Usamos leds para reproduzir o efeito de fotoluminescência gerado pelo inseto. Parece real, mas por enquanto é apenas um protótipo.

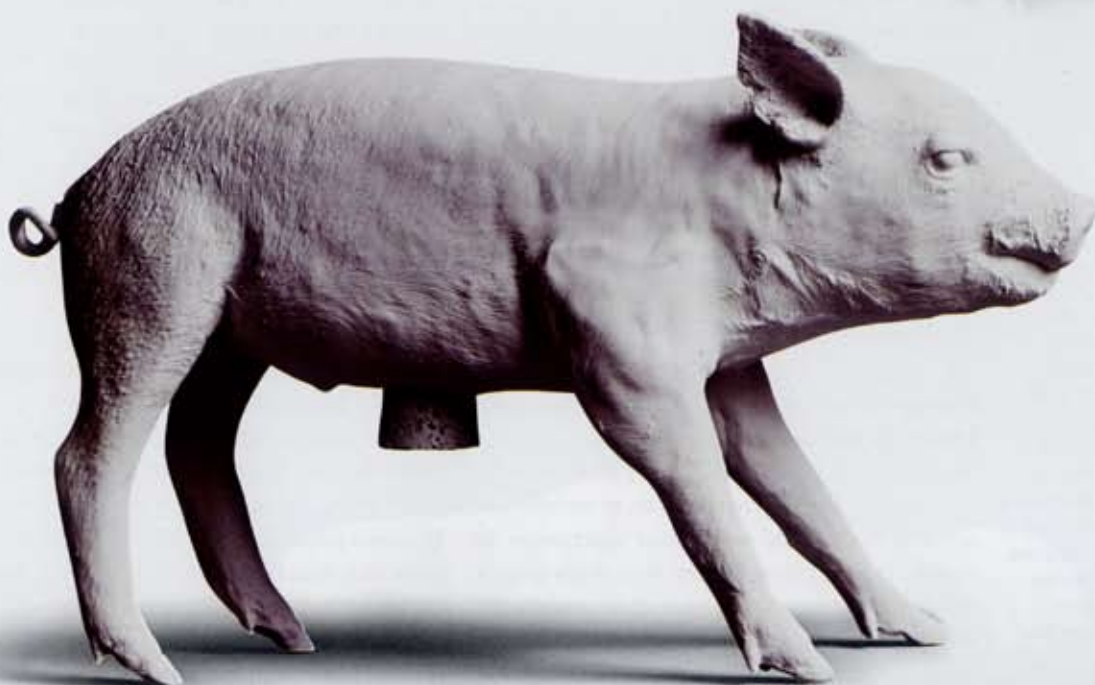
É verdade que seu banco *Pig*, em formato de porco, já vendeu 15 mil unidades? Como explica esse sucesso?

Sim, foi mais ou menos isso. Acho que o mérito está na associação entre forma e função. O porquinho vira um banco, o cacho de banana vira uma fruteira, e assim vou inventando. A luminária *Firefly* é a última da linha *Reality*, que brinca com esse dualismo. Coletos as formas que são significativas para mim e imagino que, se eu gosto de um objeto, se gostaria de comprá-lo, os outros vão querer também. Coloco em meus trabalhos minha visão pessoal para os outros consumirem. Além disso, acho que muitas das minhas criações têm um preço acessível.

Você tem uma peça de design favorita?

Adoro os clássicos. Mas acho que o meu conjunto de vasos de acrílico do Shiro Kuromata está entre os favoritos.

Desenhado em 2004, o banco *Pig* (abaixo) é uma das criações mais populares de Harry Allen. Para a linha de perfumes masculinos de Marc Jacob, o designer projetou uma embalagem de metal em que a forma brinca com o nome, *Bang*.



Os bancos modulares Pipeline, feitos para a Dune em 2010, lembram canos com diferentes formatos que se conectam por meio de peças de alumínio e se retorcem até se transformar em mesa.

Você afirmou que a arte é sua inspiração, acima de qualquer coisa. Qual a relação entre arte e design? Existe uma fronteira entre elas?

Tudo o que eu faço é design. Às vezes, pedem que eu trabalhe como um artista e faça aquilo que quiser – desenhar para um leilão de caridade ou montar uma exposição. Mas isso me deixa muito desconfortável. Normalmente, preciso dar a minhas criações uma função. Você vai notar que todos os meus produtos têm uma utilidade muito definida. Apesar de muitas pessoas os tratarem como escultura. Eu amo arte e sou inspirado por ela, mas eu não penso como um artista plástico. O projeto *Reality* é uma resposta a um fenômeno que eu vi acontecer nesse universo. Testemunhei artistas que olhavam para a arquitetura e para o design e, em seguida, pediam emprestado esse vocabulário para suas criações. Isso é legítimo, estão comentando o mundo construído. Com o meu trabalho aconteceu o contrário, passei a discutir o mundo das artes – olhar para as formas e técnicas desse campo e aplicá-las ao mundo do design. ■

